

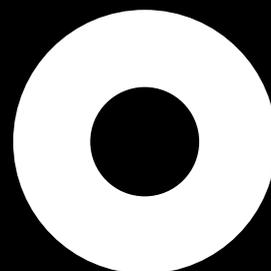


---

Celia Matsunaga

Teal Triggs

Ângela Saldanha



**FLO-**

---

Celia Matsunaga

Teal Triggs

Ângela Saldanha

**FLO-**

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FAC / UNB  
Campus Universitário Darcy Ribeiro  
Via L3 Norte, s/n Asa Norte  
BrasíliaDF CEP: 70910-900  
Telefone: (61) 3107-6627  
E-mail: fac.livros@gmail.com

*Diretora*  
Dione Oliveira Moura

*Vice-Diretor*  
Tiago Quiroga Fausto Neto

*Conselho Editorial Executivo*  
Dácia Ibiapina, Elen Geraldês,  
Fernando Oliveira Paulino, Gustavo  
de Castro, Janara Sousa, Liziane  
Guazina, Luiz Martins da Silva

*Conselho Editorial Consultivo  
(Nacional)*  
César Bolaño (UFS), Círcia Peruzzo  
(UMES), Danilo Rothberg (Unesp),  
Edgard Rebouças (UFES), Iluska  
Coutinho (UFJF), Raquel Paiva  
(UFRJ), Rogério Christofolletti  
(UFSC)

*Conselho Editorial Consultivo  
(Internacional)*  
Delia Crovi (México), Deqiang Ji  
(China), Gabriel Kaplún (Uruguai),  
Gustavo Cimadevilla (Argentina),  
Herman Wasserman (África do Sul),  
Kaarle Nordestreng (Finlândia) e  
Madalena Oliveira (Portugal)

*Coordenadora Editorial*  
Rafiza Varão

...  
*É preciso andar na margem (...)  
onde a razão gosta de estar em perigo.*  
G. Bachelard

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília  
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

H634 Higawa, Célia Kinuko Matsunaga.  
A floresta [recurso eletrônico] / Célia Kinuko Matsunaga  
Higawa. – Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de  
Comunicação, 2021.  
68 p. : il. ; 26 cm.  
  
Inclui bibliografia.  
Modo de acesso: World Wide Web:  
<<https://faclivros.wordpress.com/category/livros/>>.  
ISBN 978-85-93078-48-4 (e-book)  
  
1. Arte. 2. Cultura indígena. 3. Visualidades. I. Título.

CDU 7

**AMAZÔNIA:** região do norte da América do Sul ao redor do rio Amazonas que inclui a maior parte do Brasil. **INDÍGENA:** aquele que vive de forma nativa ou natural em uma região ou ambiente específico. **TERRITÓRIO:** área geográfica pertencente a ou sob a jurisdição de uma autoridade governamental. **CONSTITUIÇÃO:** os princípios e leis básicas de uma nação, estado ou grupo social que determinam os poderes e deveres do governo e garantem certos direitos às pessoas. **DEMOCRACIA:** governo no qual o poder supremo é investido no povo e exercido por eles direta ou indiretamente por meio de um sistema de representação geralmente envolvendo eleições livres realizadas periodicamente. **DEMARCAÇÃO:** a marcação dos limites ou limites de algo. **CONFLITO:** estado ou ação antagônica (a partir de ideias, interesses ou pessoas divergentes). **LUTA:** lutar em batalha ou combate físico. **VIOLÊNCIA:** o uso da força física para ferir, abusar, danificar ou destruir. **INVASÃO:** afetar de forma prejudicial e progressiva. **ATAQUE:** estabelecer ou atuar com força. **CRIME:** ato ilegal pelo qual alguém pode ser punido pelo governo. **ASSASSINATO:** o crime de matar ilegalmente, especialmente com malícia. **VIOLAÇÃO:** violação das regras. **EXPLORAÇÃO:** o ato ou uma instância de explorar. **RACISMO:** crença de que a raça é o principal determinante das características e capacidades humanas e que as diferenças raciais produzem uma superioridade inerente a uma determinada raça. **DEBATE:** disputa por palavras ou argumentos. **RESPEITO:** relação ou referência a uma coisa ou situação específica. **AUTONOMIA:** a qualidade ou estado de autogoverno. **DIVERSIDADE:** a condição de ter ou ser composto de elementos diferentes. **PROTEÇÃO:** estado de proteção. **SAÚDE:** condição de ser saudável no corpo, na mente ou no espírito. **EDUCAÇÃO:** ação ou processo de educar ou ser educado. **ALDEIA:** área territorial com o status de uma vila, especialmente como uma unidade. **ISOLADO:** ocorrendo sozinho ou uma vez. **ORIGINÁRIO:** vivendo ou crescendo naturalmente em uma região específica. **TRADIÇÃO:** padrão herdado, estabelecido ou habitual de pensamento, ação ou comportamento (como uma prática religiosa ou um costume social). **CULTURA:** as crenças costumeiras, formas sociais e características materiais de um grupo racial, religioso ou social. **IDENTIDADE:** caráter ou personalidade distintiva de um indivíduo. **NATUREZA:** refere-se aos fenômenos do mundo físico e também à vida em geral. **RECURSOS NATURAIS:** característica ou fenômeno natural que melhora a qualidade da vida humana. **BIODIVERSIDADE:** variabilidade entre organismos vivos de todas as fontes, incluindo ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos dos quais fazem parte. **RIO:** fluxo natural de água de volume geralmente considerável. **FLORESTA:** grande floresta tropical ocupando a bacia de drenagem do rio Amazonas. **FAUNA:** animais característicos de uma região, período ou ambiente especial. **FLORA:** tratado ou lista das plantas de uma área ou período. **ÁGUA:** líquido que desce das nuvens como chuva, forma rios, lagos e mares e é um dos principais constituintes de toda a matéria viva. **MUDANÇAS CLIMÁTICAS:** mudança no clima da terra. **DESMATAMENTO:** ação ou processo de derrubada de florestas. **EXTRACTIVISMO:** retirada de recursos naturais por extração sem provisão para reabastecimento. **SUSTENTABILIDADE:** método de colheita ou uso de um recurso para que ele não seja esgotado ou permanentemente danificado. **FOGO:** fenômeno da combustão manifestado em luz, chama e calor. **AGRONEGOCIO:** indústria envolvida nas operações de produção de uma fazenda, na fabricação e distribuição de equipamentos e suprimentos agrícolas e no processamento, armazenamento e distribuição de produtos agrícolas. **PECUARIA:** animais de criação mantidos para uso e lucro. **MINERAÇÃO:** processo ou negócio das minas de trabalho. **ILEGALIDADE:** não estar de acordo ou autorizado por lei. **IMPACTO:** ter um efeito direto ou impacto sobre.

Por Celia Matsunaga  
Teal Triggs  
Ângela Saldanha

# E

Esta é uma obra gráfico-visual desenvolvida sob a forma de três cadernos de viagem. Nesses cadernos, encontram-se fragmentos das vivências ocorridas em Santarém, Alter do Chão, Belterra, aldeia Munduruku de Bragança – Marituba e arredores, no Pará, desde 2016. No conjunto das obras, encontram-se anotações, registros de memórias, que pretendem fazer refletir sobre a singularidade, os encantos e os desencantos da realidade amazônica.

Tecidos por diferentes olhares e leituras, buscam traduzir a visualidade amazônica. Entre palavras e imagens, tornam-se visíveis a complexidade e a subjetividade amparadas no real e no espaço do imaginário, dentro do contexto da arte e do design contemporâneos.

O olhar nasce de um ponto inusitado, quase improvável e depois se desenrola tal qual cena em constante transformação. As pessoas, o rio Tapajós e a floresta se confundem nas linhas e nas curvas dos elementos visuais; estrutura, forma, cor, textura se tornam representações dos espaços fluidos e transitórios. Representam paisagens percebidas como diálogo, conexão, percepções visíveis e invisíveis. Construções crescentes a partir de percepções sobre a natureza que geram possibilidades discursivas e poéticas.

## UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA

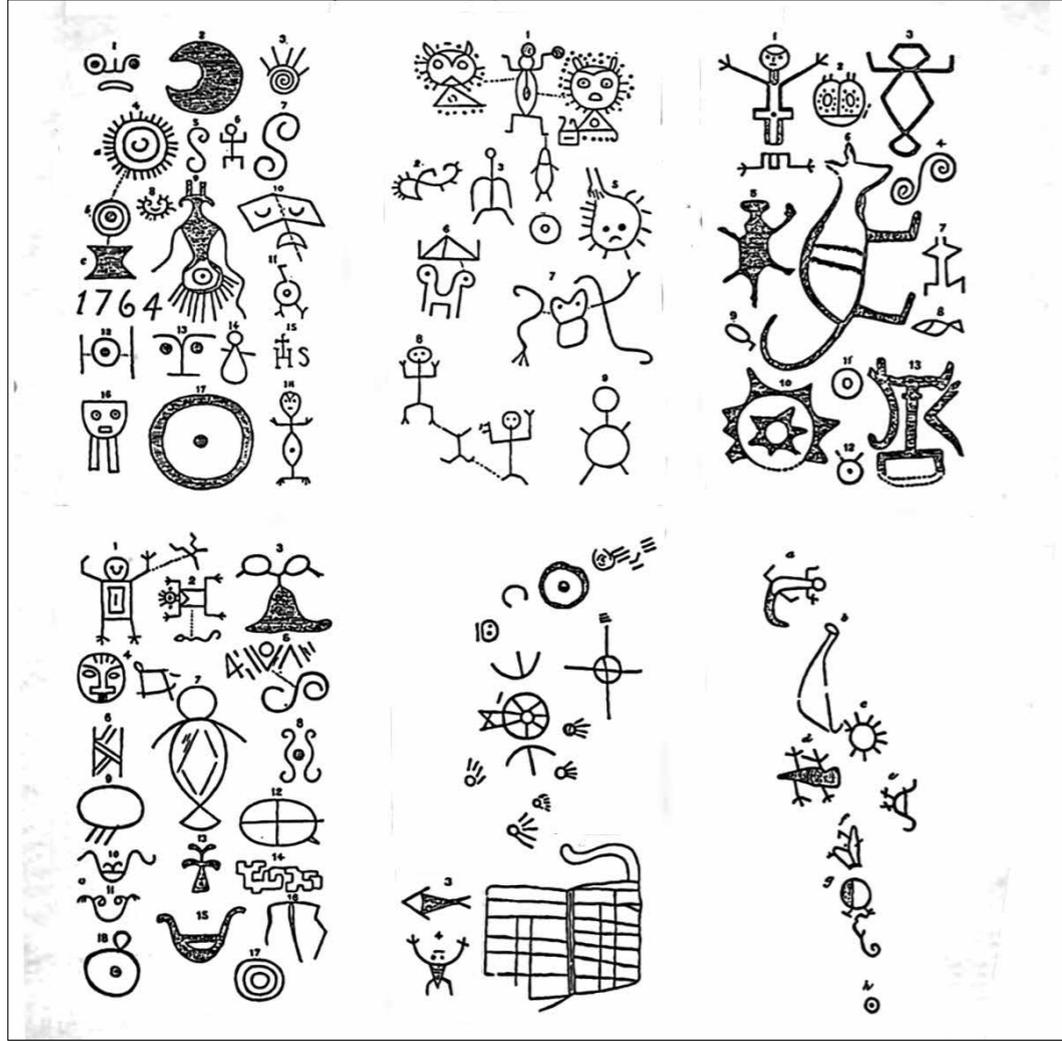
*Se a realidade é o domínio do impreciso, das sombras e das coisas ocultas, por que a ciência – ou a precisão científica – passou a ter soberania tão absoluta sobre os sentidos? E por que, dentre os sentidos, o olhar é o primeiro a ser chamado à ordem? Seria por que, de todos os sentidos, “a vista é o que nos faz adquirir mais conhecimentos, nos faz descobrir mais diferenças?” Ou é em virtude do prestígio que a visão passou a ter em nossa cultura, concentrando em si a inteligência e as paixões?” Por que o olhar ignora e é ignorado na experiência ambígua de imagens que não cessam de convidá-lo a ver?” (Adauto Novaes, O Olhar, 1988)*

Olhar para a Amazônia é jogar-se ao infinito! Movidos por uma vontade de aventura, curiosidade e uma porção de ousadia, nos atrevemos a conhecê-la. As descobertas foram muitas, assim como são para tantos viajantes que passam por ali. Tivemos sorte, desde o começo! Isso aconteceu em 2016, quando a equipe composta por três integrantes, Alexandre Ataíde (designer), o fotógrafo Daniel Mira e eu (designer), viajamos para Alter do Chão, PA. Naquele momento, Alter do Chão era um destino ainda pouco conhecido pela grande maioria do povo brasileiro. Ouviam-se rumores de que Alter fora chamada de Caribe brasileiro pelo jornal britânico The Guardian. As imagens que surgiram na internet não desmentiam, parecia realmente um paraíso na Amazônia.

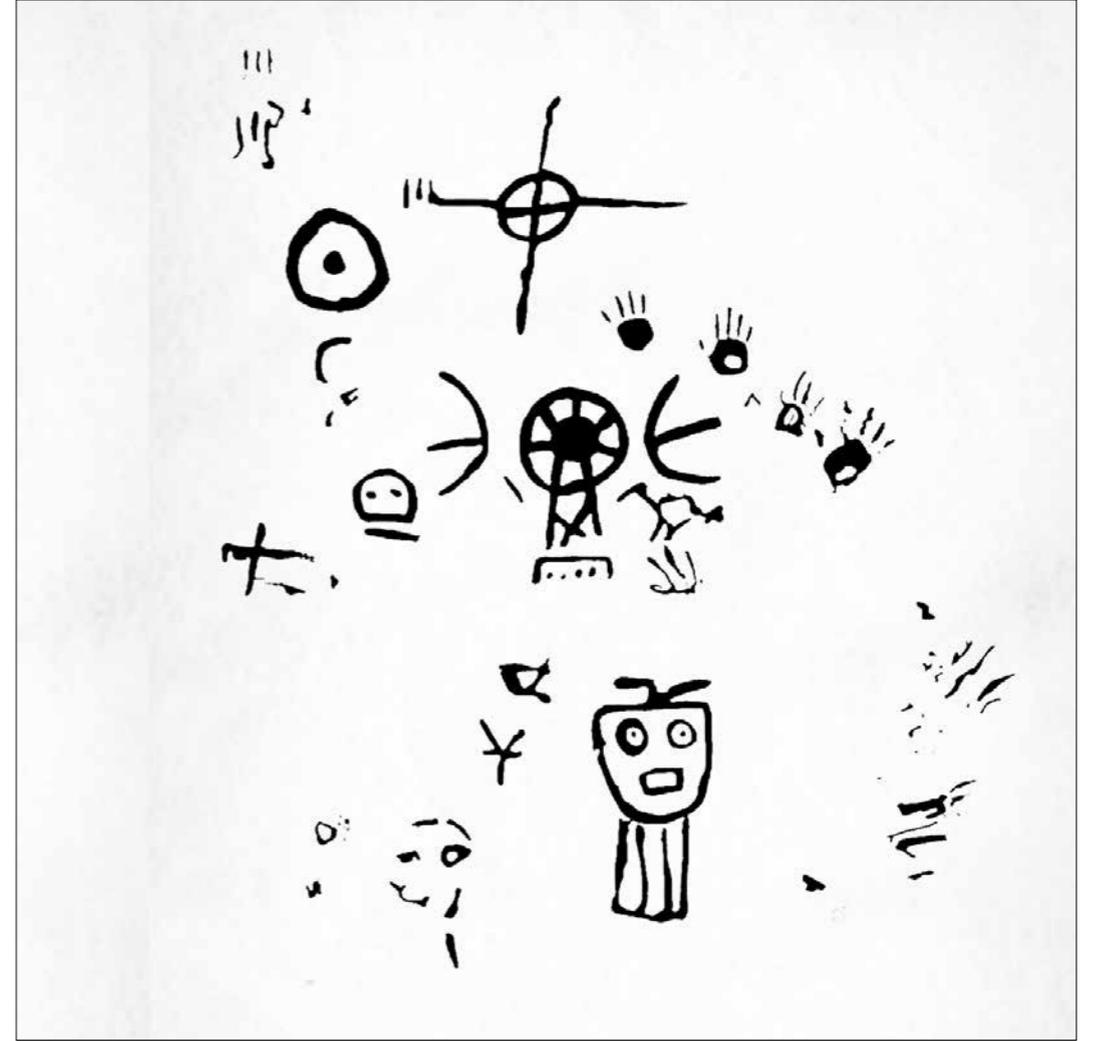
Não era a primeira vez que pisava o solo amazônico. Quando adolescente, conheci Belém do Pará. Viajei de carro com mais 4 pessoas, amigos e meu irmão Paulo pelo Norte e Nordeste. Começamos ao norte,

percorremos os 2.100 km de distância que ligam as cidades de Brasília a Belém. Naquele tempo, a rodovia Belém–Brasília, BR 153, se encontrava em bom estado, apesar dos longos trechos ainda em obra. Era muito jovem, conhecia pouco o país. Na ocasião, não imaginava que poderia adentrar à Amazônia assim, percorrendo quilômetro a quilômetro. Durante a viagem, vimos as dificuldades encontradas por aqueles que transitam naquelas estradas diariamente. Próximo à cidade de Imperatriz, o carro que nos conduzia acabou em um atoleiro. Era noite escura, nenhum outro veículo passava. Ficamos ali, os 5 aventureiros, tentando empurrar o carro no lamaçal. Aqueles momentos foram difíceis e tensos, pois isso ocorreu em uma região de mata fechada, sem que pudessemos ter qualquer tipo de socorro.

Passados dois dias de viagem na estrada, chegamos em im à Belém. Ao chegar à cidade, fomos diretamente para a residência de um amigo, nas cercanias de Belém.



Parque Estadual de Monte Alegre PEMA, PA.  
Registros feitos por Charles Hartt (1895).



14 Tudo parecia muito pobre; a cidade tinha extensas áreas periféricas de “favela”. Na casa onde nos hospedamos, não havia banheiro nem eletricidade. O banho era feito com cuias de cabaças, e as redes eram as camas dos ribeirinhos. Vidas dos ribeirinhos que passei a compreender naquele instante. Chovia e fazia muito calor, clima típico do Norte. Não passamos muito tempo em Belém. Porém, foi tempo suficiente para entender o que era a Amazônia... O que chocou foi ver garotas, meninas de aparência de criança de 12 a 15 anos, enfileiradas aguardando clientes. Ver aquilo foi devastador... Saímos de lá depois de dois dias, em direção a Fortaleza, no Ceará.

Longos anos se passaram. Em 2014, voltei ao Pará; desta vez, conheci Altamira. Havia sido convidada a desenvolver um projeto de design gráfico. Na viagem, imaginei ver, no sobrevoo do avião, a imagem de extensas matas verdes, como a que vemos na TV ou em filmes. O que vimos, entretanto, foram os imensos

espaços de florestas devastadas para a criação de soja e gado. Um cenário desolador... Altamira pareceu mais uma cidade de poucos amigos. As pessoas olhavam com desconfiança os que passavam pelas calçadas. Talvez perguntassem “quem são?”. Não é fácil chegar assim a uma cidade atormentada pelas mudanças da criação da usina hidrelétrica de Belo Monte. Belo Monte estava na fase de finalização das primeiras oito turbinas. Ainda seriam construídas mais oito, na segunda fase.

Desde o início dos anos 1970, durante o regime militar, os estudos sobre a viabilidade da usina hidrelétrica vinham sendo desenhados. O projeto vendia a ideia de um gigante gerador de energia limpa, promotor de desenvolvimento socioeconômico da região. Apesar dos conflitos com as populações tradicionais, principalmente indígenas, do enorme impacto socioambiental que causaria à Amazônia, o projeto viraria realidade em 2015, transformando definitivamente a vida no rio Xingu.

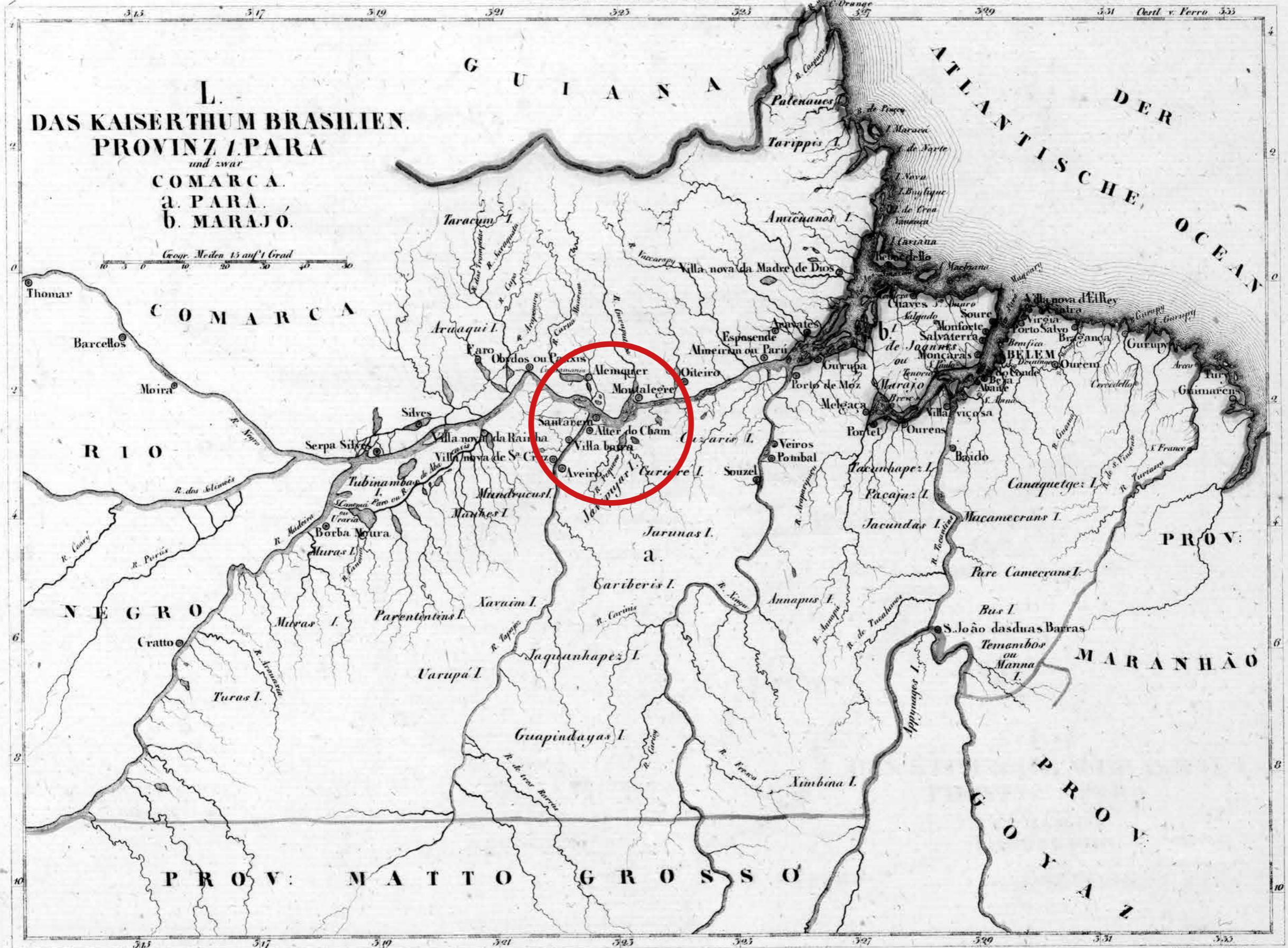
Navegar por entre as milhares de ilhas da Volta Grande do Xingu, visitar os ribeirinhos foi como um despertar: é urgente pensar sobre a Amazônia. Desenvolver uma pesquisa visual sobre a Amazônia – artista – surge como “quinquilharias” numa mala de viajante. Em 19 de fevereiro de 2016, entrei no avião que nos levaria a Alter do Chão. Por um acaso, ou talvez coincidência fortuita, Padre Edilberto de Belterra, importante representante dos movimentos sociais da região de Santarém, sentou-se ao meu lado. Durante o tranquilo voo, Padre Edilberto contou-me a história do Tapajós. Disse que no Baixo viviam três grupos étnicos distintos: os Kaiapós, os Mura e os Munduruku. O padre disse que os Munduruku eram conhecidos por sua bravura e temidos por seus inimigos, pois os atacavam em bando, assim como fazem as formigas. Por isso, o nome “formigas vermelhas”, ou Munduruku. Eles eram conhecidos desde a invasão europeia, no início da

colonização brasileira, por “corta cabeças”, pois cortavam a cabeça de quem os atacassem e os usavam mumificados como troféus. Padre Edilberto falou das belezas de Alter do Chão, dos lugares por onde passam milhares de turistas, dos catraieiros que cruzam com seus barcos e levam os visitantes de um lado a outro da ilha do Amor, falou dos encantos do Muretá, da Flona, da Resex. Tudo ainda era desconhecido, mas já imaginava o que estaria por vir. Rapidamente entendemos que nem tudo é só beleza e que ali se travam grandes batalhas. Padre Edilberto é um dos representantes de Belterra que luta contra a criação do complexo da usina de São Luiz do Tapajós, novo empreendimento hidrelétrico na Amazônia, alvo de crítica por ambientalistas, ONGs, defensores das populações indígenas, como também os Munduruku. Em 2016, a licença ambiental da hidrelétrica foi suspensa pelo Ibama sob a alegação do parecer da Funai (Fundação Nacional do Índio), que apontava para a inviabilidade do projeto. E que assim continue.

SUD AMERIKA.

L. DAS KAISERTHUM BRASILIEN. PROVINZ PARA und zwar COMARCA a. PARA. b. MARAJÓ.

Geogr. Maßen 15 auf 1 Grad



**por que  
a Amazônia?**

**AMAZONIA:** região do norte da América do Sul ao redor do rio Amazonas que inclui a maior parte do Brasil.

**baixo**

**médio**

**alto**

A Amazônia tem atualmente 26 milhões de habitantes, que corresponde a 13,6% da população brasileira. Desta população, 70% vivem nas grandes cidades e entre os demais 30% há um alto índice de pobreza ([www.socioambiental.org/pt-br](http://www.socioambiental.org/pt-br)). Concentram nessa área dois importantes biomas: o cerrado e a Amazônia, com enorme área de floresta densa e contínua. A classificação da Amazônia é baseada no relevo, com dois tipos principais de vegetação: terra firme e formações inundadas (várzea e igapó). A bacia hidrográfica representa 73% da área total nacional, com o volume de 133.000 m<sup>3</sup>/s, numa área de 6.110.000 km<sup>2</sup> (63% território brasileiro). Conhecida mundialmente como o ecossistema de maior biodiversidade do planeta, o Brasil é um dos cinco países, somado a Austrália, Canadá, Estados Unidos e Rússia, que concentram 70% dos ecossistemas intactos do planeta (BBC News Brasil, 2019). A proteção das espécies naturais – sem que haja interferência de ações humanas – tem sido apontada como resultante das atuações de populações indígenas, que têm lutado por sua conservação e proteção ao longo de toda a sua história.

Buscando a integração territorial norte-sul, leste-oeste do país, os governos brasileiros têm travado grandes batalhas, e os defensores de uma correta política desenvolvimentista têm ampliado os debates nas questões geopolíticas. Entre os anos 1960 e 1970, a integração regional da Amazônia se consolidou com a construção de quatro grandes rodovias: Belém, PA–Brasília, DF com 2.100 km (BR 153), Transamazônica com 4.260 km (BR 230); Cuiabá, MT–Santarém, PA com 1.777 km (BR 163); e Cuiabá, MT–Porto Velho, RO com 4.325 km (BR 364). A construção dessas rodovias tiveram como estratégia governamental a ocupação, a implantação de indústrias, os projetos agropecuários e a mineração. “Estradas aumentam o acesso à floresta e a elas segue-se o desmatamento com impactos ecológicos: fornece habitat adequado para algumas espécies, mas reduz e fragmenta outros habitats, degrada riachos e a qualidade da água, fomenta a propagação de espécies exóticas invasivas, o que causa a mortalidade da vida silvestre e a perda de espécies, e até a mudança do clima local (Trombulak e Frissell, 2000; Forman et al., 2003; Fearnside, 2007)”.

Desde o governo militar (1970), a implantação dessas rodovias tiveram impactos imensuráveis com o aumento do desmatamento, a destruição de fauna e flora, além dos graves problemas causados no confronto com populações indígenas. Esses projetos abriram caminho para que trabalhadores das obras de abertura e pavimentação de rodovias, junto a migração de garimpeiros que invadem terras indígenas, levem conflito, disseminação de doenças e milhares de mortes. Com o crescente interesse de grandes economias mundiais, bem como de políticas brasileiras voltadas para desenvolvimento, tanto populacional quanto socioeconômico, a preservação da floresta e de seu povo está em sério risco. Não há como não considerar os grandes impactos ambientais causados pelo desmatamento desenfreado na Amazônia brasileira, que tem se intensificado diante de um avanço do agronegócio e também da destruição da cobertura vegetal por grandes posseiros e fazendeiros responsáveis pela criação de gado em extensas áreas no país.

As recentes pesquisas têm mostrado que os povos originários mantinham sistemas produtivos sustentáveis, além de extensa cultura material e imaterial. Sabe-se, que os conhecimentos das culturas indígenas sobre o manuseio dos recursos dos rios e das florestas, baseavam-se em um profundo conhecimento adquirido ao longo de um processo de experimentação e adaptação a esses ambientes. “O hábil manejo de ambos os recursos ribeirinhos pelas culturas indígenas baseia-se em uma história profunda de interação humana e transformação do mundo natural”. (McEWAN, 2001)

Durante toda sua história, a Amazônia passou por profundas transformações territoriais, econômicas, sociais e culturais (Andrade, 2004). Até meados do século XVIII, a economia era baseada na extração de recursos da floresta e rios. Naquele período, a Europa tinha muito interesse nas especiarias vindas da Índia. Com as explorações das riquezas amazônicas, os interesses se voltaram para os produtos e especiarias abundantes encontradas na região amazônica. Eram recursos de origem vegetal ou animais tais como cana-de-açúcar, couro e tabaco. Entre as especiarias, estavam também algodão, baunilha, cacau, salsaparrilha, castanhas, canela, cravo e urucum (Andrade, 2004).

Se, por um lado, há aqueles que lutam em defesa da Amazônia, apresentando argumentos para que o ambiente natural seja preservado, há aqueles concentradores de riquezas, que se apropriam dos recursos naturais, dos recursos minerais, derrubando florestas, acabando com os mananciais, prejudicando a pesca. Aliado a essa prática, o governo em meio a crise econômica, social e política, minimiza seus esforços no sentido de garantir a proteção das populações indígenas, de suas culturas, agravando ainda mais os problemas seculares enfrentados pelas populações de toda a Amazônia.

A fim de que haja crescimento e maior integração da Amazônia no contexto brasileiro, é fundamental pensar soluções de combate à pobreza e propor novas medidas para o futuro sustentável da Amazônia. Para isso, é imprescindível que seja assegurado o cumprimento do que rege a Constituição Federal. É importante que o planejamento estratégico considere o conjunto de medidas destinadas à preservação ambiental sustentável, dos recursos naturais, ao respeito e à manutenção das culturas tradicionais, à valorização da produção de bens dos produtores locais, das populações indígenas, da produção extrativista e da agricultura familiar que respeitem a vida e o bem-estar dos que vivem em toda Amazônia Legal.



FOTO: Rebeca Haddassa

Na natureza das coisas...

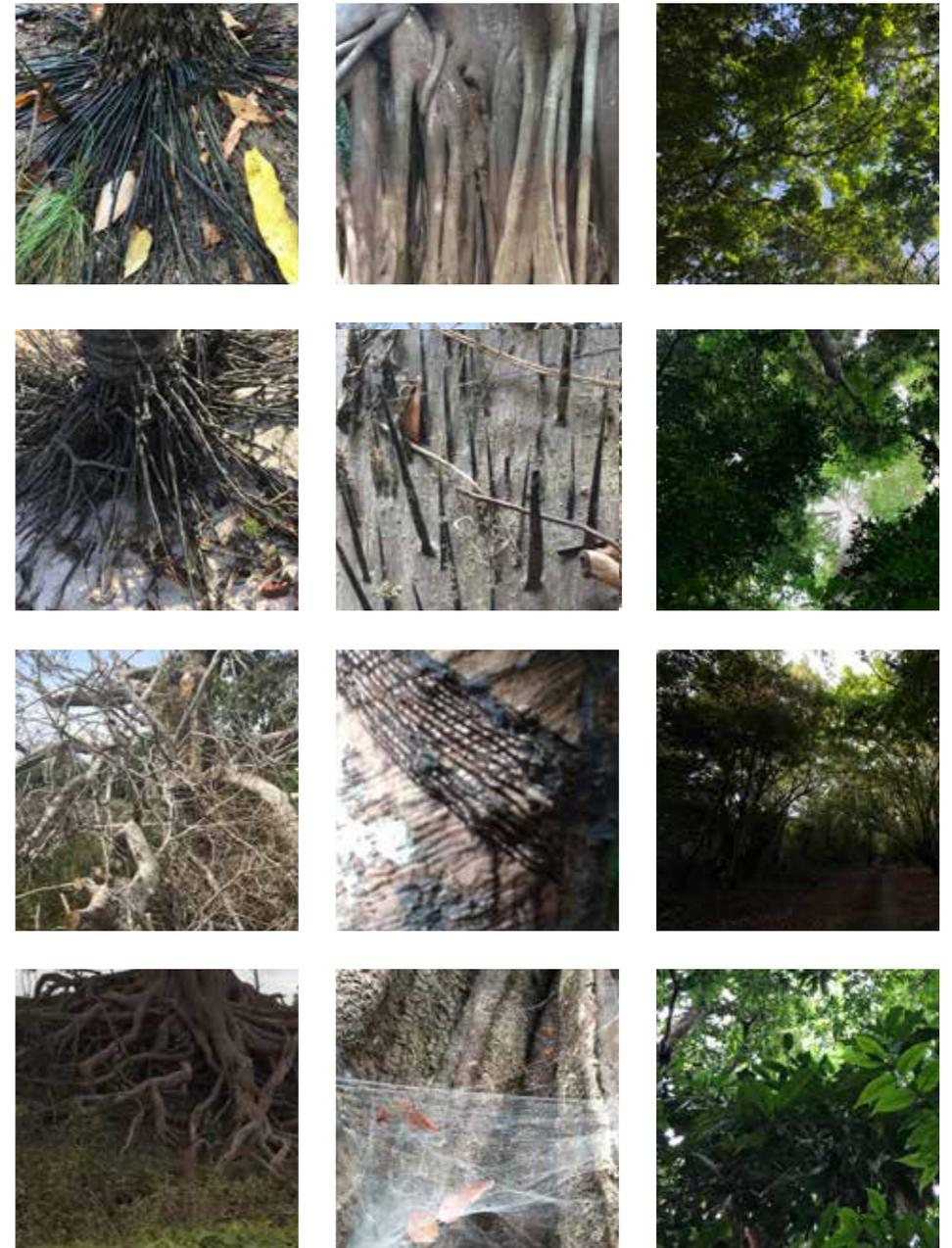




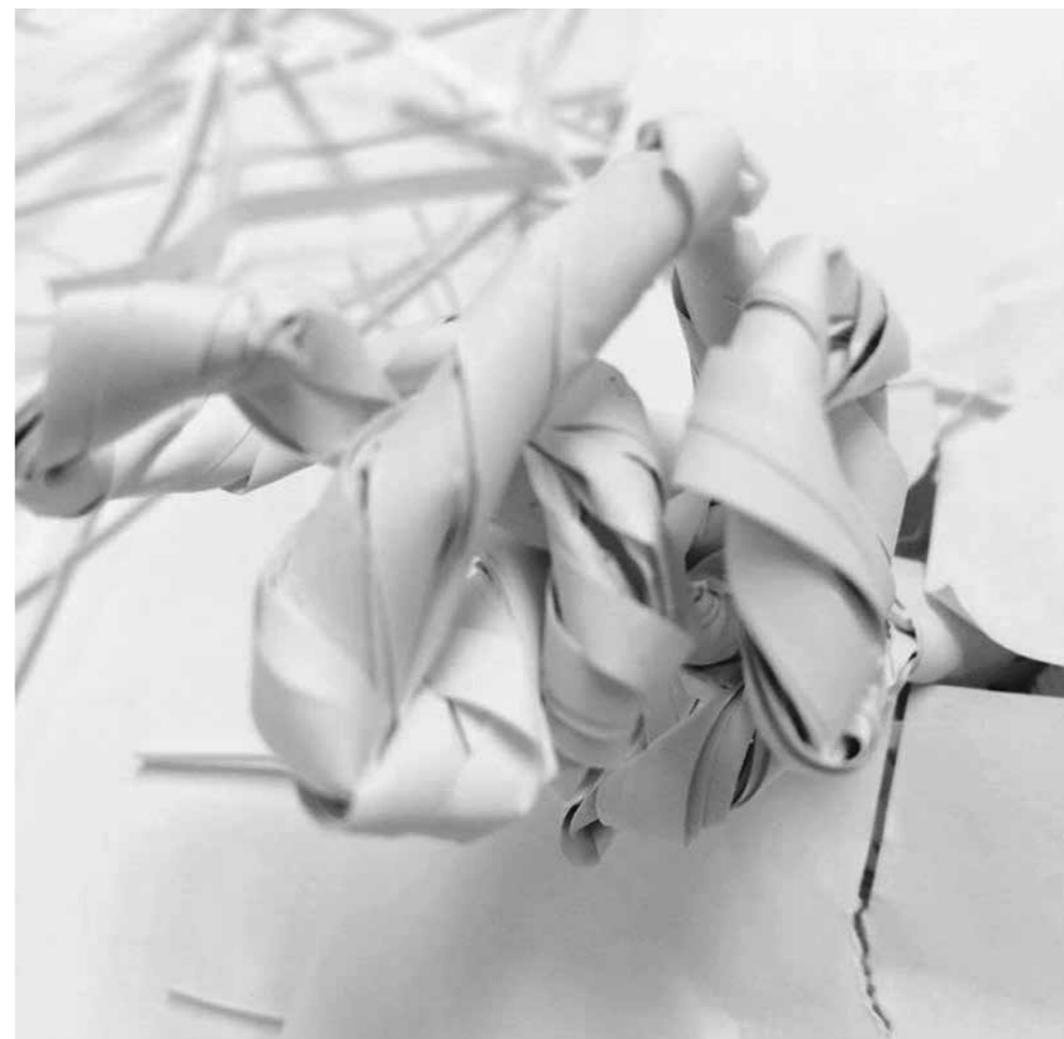
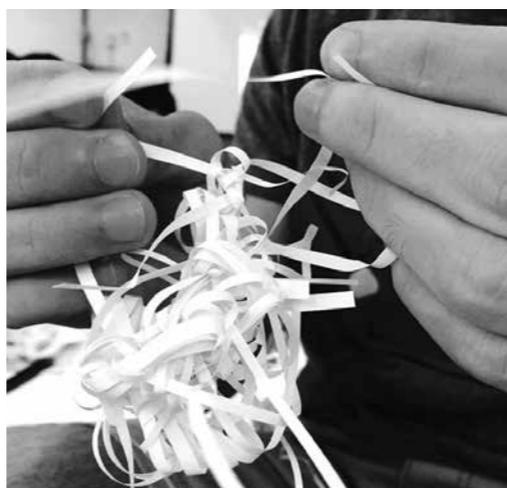
FOTO: Rebeca Hadassa

## 2

**RECURSOS NATURAIS:** característica ou fenômeno natural que melhora a qualidade da vida humana.



VAZIO CHEIO  
EM  
LYGIA CLARK



O OBJETO  
NÃO TEM  
PER SE  
REALIDADE  
POÉTICA

# 3

**BIODIVERSIDADE:** variabilidade entre organismos vivos de todas as fontes, incluindo ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos dos quais fazem parte. RIO: fluxo natural de água de volume geralmente considerável.





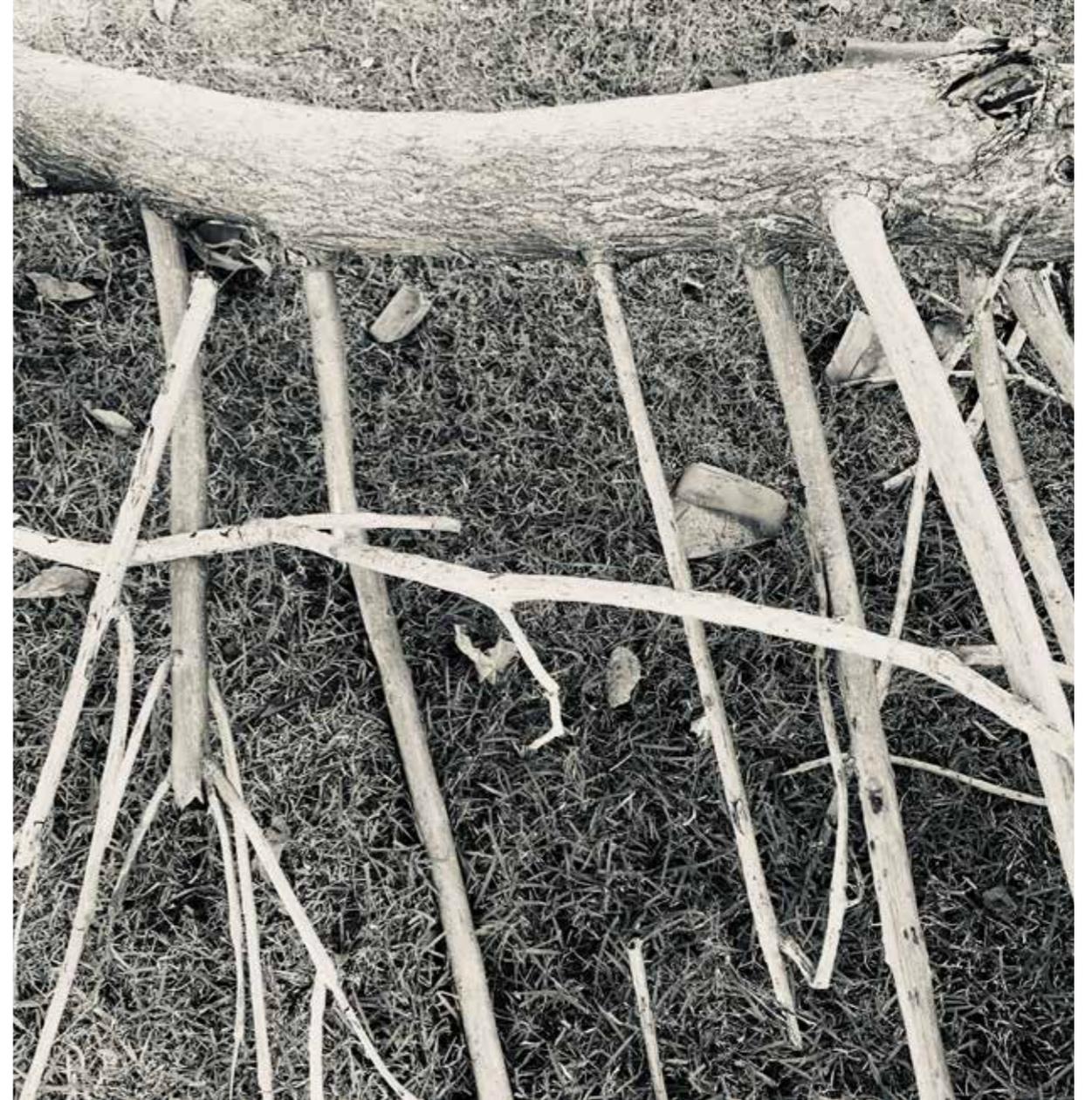






# 4

**SUSTENTABILIDADE:** método de colheita ou uso de um recurso para que ele não seja esgotado ou permanentemente danificado.



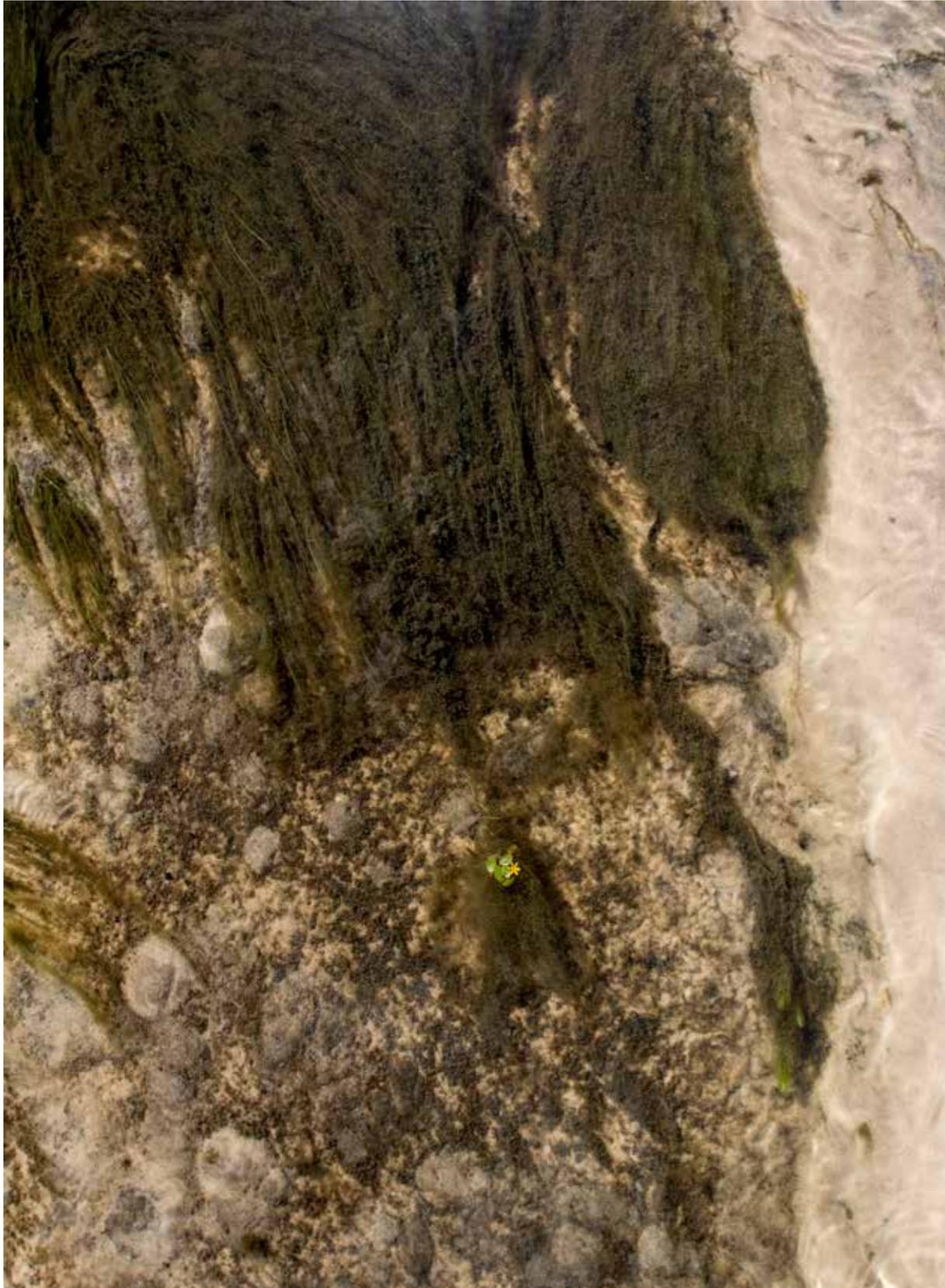
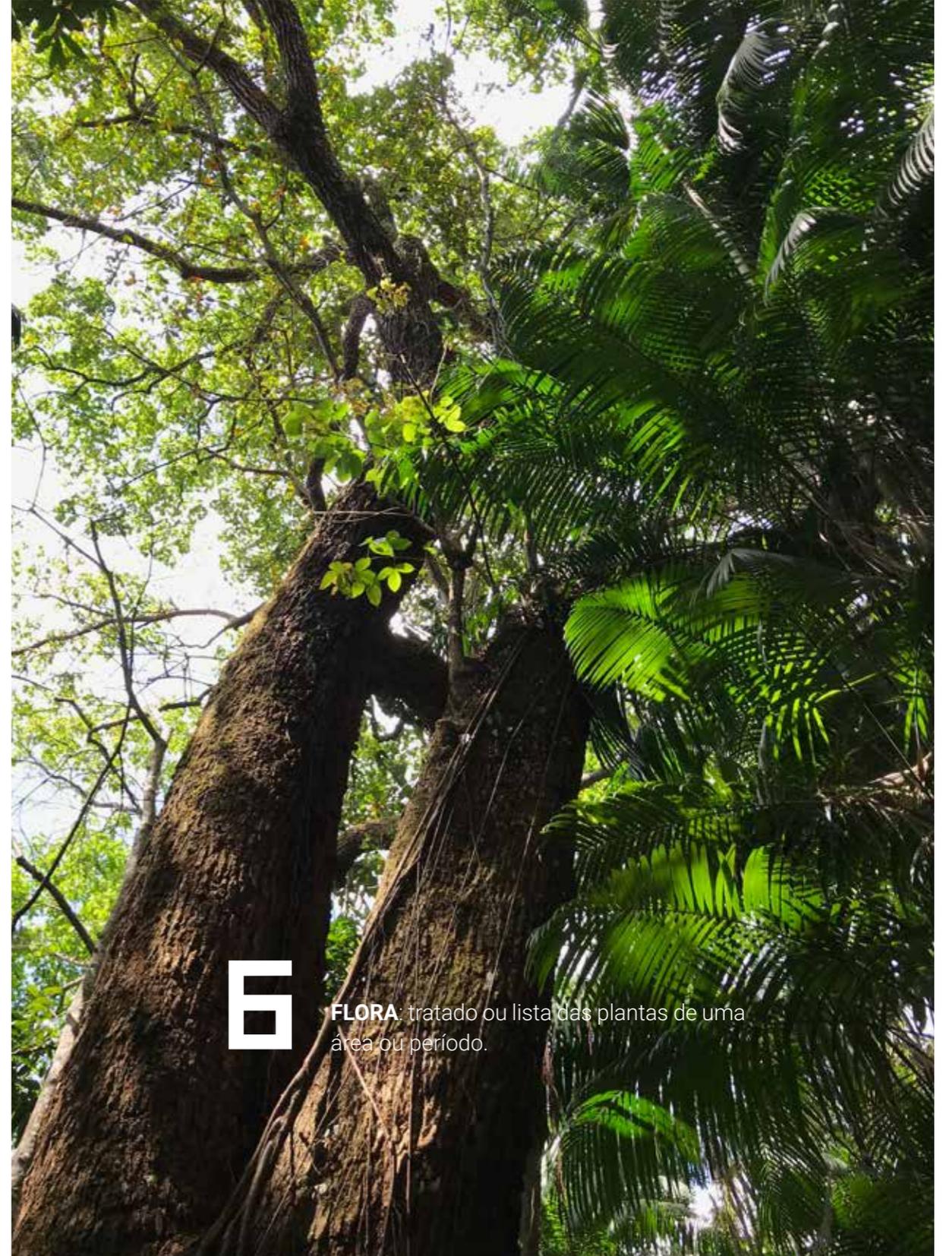


FOTO: Daniel Mira

# S

**MUDANÇAS CLIMÁTICAS:** mudança no clima da Terra.



6

**FLORA:** tratado ou lista das plantas de uma área ou período.



—  
44



—  
45



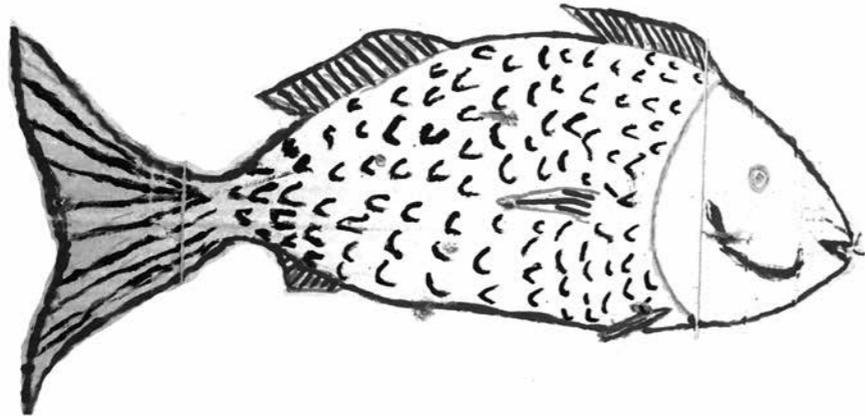
# 7

**ÁGUA:** líquido que desce das nuvens como chuva, forma rios, lagos e mares e é um dos principais constituintes de toda a matéria viva.



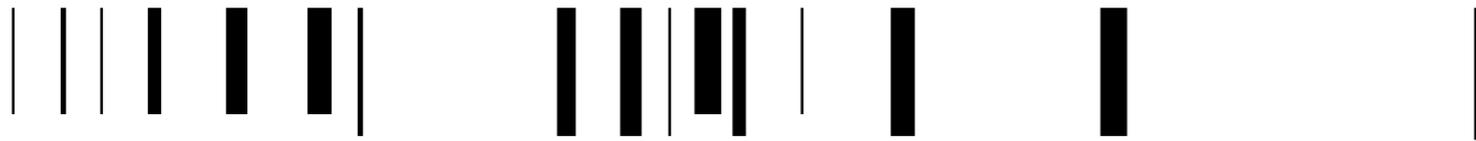
Bicho preguiça, canal do Jari, Santarém PA.  
Foto: Daniel Mira  
Abaixo: desenho dos Munduruku  
Baixo Tapajós, 2019.

CARA-PUÇU



**FAUNA:** animais característicos de uma região, período ou ambiente especial.





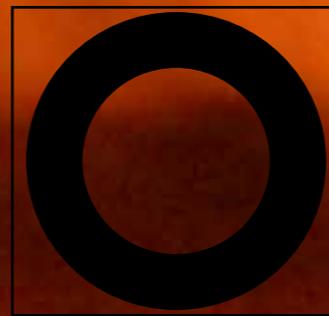
**EXPLORAÇÃO:** o ato ou uma instância de explorar.



9

# 70

**EXTRACTIVISMO:**  
retirada de recursos  
naturais por extração  
sem provisão para re-  
abastecimento.



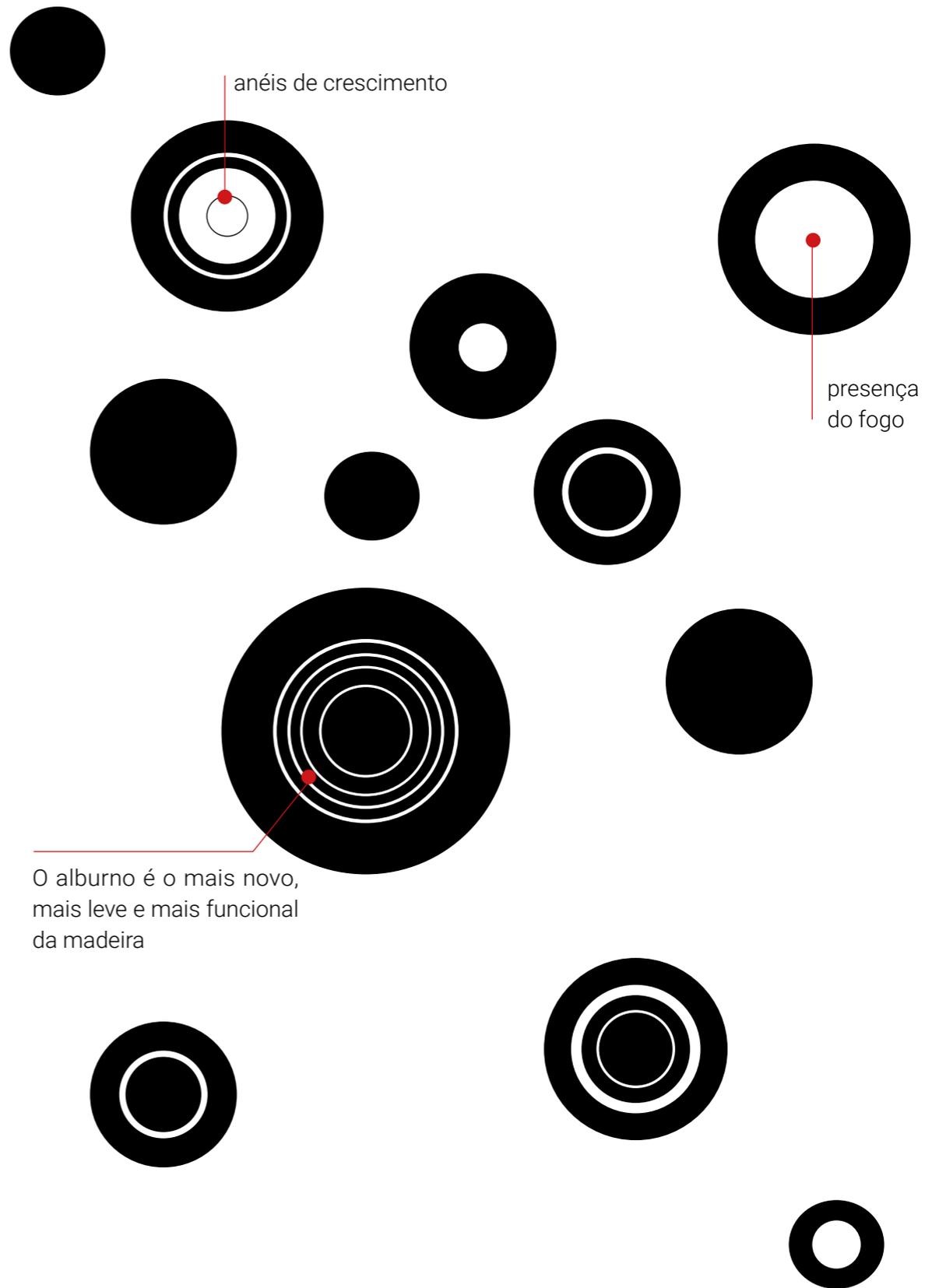
11

**DESMATAMENTO:** ação ou processo de derrubada de florestas.

**FOGO:** fenômeno da combustão manifestado em luz, chama e calor.

12

O cerne é a parte central do tronco da árvore





# 13

**ILEGALIDADE:** não estar de acordo ou autorizado por lei.





# 14

**CONFLITO:** estado ou ação antagônica a partir de ideias, interesses ou pessoas divergentes.



Voltando para a intenção criativa do processo investigativo, podemos dizer que tudo começa com a ideia. Mas o que entendemos por ideia? Ideia vem do verbo grego ‘ver’, e está frequentemente ligada à noção de eidolon, a ‘imagem visível’ que é fundamental para a ótica antiga e para as teorias da percepção. Uma maneira sensata de evitar a tentação de pensar sobre imagens em termos de imagens seria substituir a palavra ideia em discussões de imagens por algum outro termo como conceito ou noção ou estipular no início que o termo ideia deve ser entendida como algo bem diferente das imagens. Esta é a estratégia da tradição platônica, que distingue o eidos do eidolon ao conceber o primeiro como uma “realidade suprassensível” de “formas, tipos ou espécies”, e o segundo como uma impressão sensível que fornece uma mera “semelhança” (eikon) ou “semblante” (fantasma) do eidos. (Mitchell, 1986)

Sobre imagem, Flusser (1985) afirmava ser “superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço e no tempo. As imagens são, portanto, resultado do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões espaço-temporais, para que se conservem apenas as dimensões do plano”. Na visão de Aumont (2011), a imagem é um objeto visual como outros, fenômeno natural ou coisa fabricada que comunica informações relativamente ao mundo.

(...)

“A tabuinha de cera de Aristóteles, o quarto escuro de Locke, o hieróglifo de Wittgenstein são exemplos do “hiperícone” que, juntamente com o tropo popular do “espelho da natureza”, fornecem nossos modelos para pensar sobre todo tipo de imagens – mentais, pictóricas e perceptivas. Eles também fornecem as cenas nas quais nossas ansiedades sobre imagens podem se expressar em uma variedade de discursos iconoclastas e nos quais podemos racionalizar a afirmação de que, quaisquer que sejam as imagens, as ideias são outra coisa”. (Mitchell, 1986)





**DEMOCRACIA:** governo no qual o poder supremo é investido no povo e exercido por eles direta ou indiretamente por meio de um sistema de representação geralmente envolvendo eleições livres realizadas periodicamente.

15

## Referências

1. AUMONT, Jacques. A Imagem: olhar, matéria e presença. Lisboa: Edições Texto e Grafia Lda. 2011.
2. ANDRADE, Manoel P. Amazônia: Seringueiros, Recursos, Mercado e Direitos. Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa 2004. Tese de Doutorado.
3. BARBOSA, Iracema. Richard Lond, um artesão cósmico. Université Rennes 2.
4. FLUSSER, Vilém. Universo de Imagens Técnicas. Elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2009.
5. NOVAES, Adauto. O olhar. SP: Companhia das Letras, 1988.
6. MITCHELL, W. Iconology: Image, Text, Ideology.

Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

7. LOUREIRO, João J. P. Amazonian Culture: A poetics of the imaginary. Almada: Iman Editions, NEWS,

8. McEWAN, Colin; BARRETO, Cristina; NEVES, Eduardo. Unknown Amazon: Culture in Nature in Ancient Brazil London: British Museum Press, 2001.

9. PEREIRA, Edithe. A Arte Rupestre de Monte Alegre, Pará, Amazônia, Brasil. PA: Editora GTR Gráfica e Editora, 2012. Museu Paraense Emílio Goeldi MPEG.

10. PIERRE, Arnaud. Primeira viagem na Belém-Brasília. Rio de Janeiro: SPVEA, 1960 (Cadernos Belém-Brasília, v. 4).

AMAZÔNIA  
visualidade gráfica, poética  
e imaginário

Coordenação Geral  
Celia Matsunaga  
Teal Triggs  
Ângela Saldanha

Coordenação de Projeto  
Marisa Cobbe Maass  
Gustavo DaRosa  
Carlos Potiara  
Daniel Mira

Mídias Digitais  
Alexandre Ataíde  
Gustavo DaRosa  
Gustavo Azevedo

Programa de Iniciação Científica  
CNPq  
Fundação de Apoio à Pesquisa  
FAPDF

Ayana Saito Mira  
Brenda da Conceição Silva  
Bruno Matsunaga  
Carolina Meneses  
Catarina Xavier de Sousa  
Clara M. Ortolaní Smith  
Isadora Castelo Branco  
Kellen Barreto  
Letícia Vieira Lima  
Mariana Bitencourt dos Santos  
Rafael Cardim Bernardes  
Rebeca Hadassa  
Sara Viana Sobreira Bezerra  
Ursula Barbosa Rodrigues  
Wanessa Pereira

Agradecimentos  
Bernardina Leal  
Andrea Aymar  
Regina Santos  
Arkus N. Rodrigues



Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Programa de Pós-Graduação  
em Design, IDA/UnB  
Lab Visualidades Gráficas

Núcleo de Estudos Amazônicos  
NEAz/CEAM/UnB

Royal College of Art, Londres

apoio  
Laboratório de Produtos  
Florestais IBAMA  
Defensoria Pública da União  
DPU Cultural  
Associação de Professores de  
Expressão e Comunicação  
Visual APECV, Viseu, Portugal

